

# Resultados das sondagens arqueológicas realizadas na Herdade de Monte Novo do Sul (Alcácer do Sal)

■ VÍTOR DIAS ■ PEDRO SOUTO ■

**RESUMO** O presente artigo expõe os resultados de sondagens arqueológicas concretizadas no ano de 2002 em Monte Novo do Sul, na sequência das obras do gasoduto Sines-Setúbal. Identificado em prospeções realizadas antes do início dos trabalhos de implantação da rede de gás, este sítio foi alvo de intervenção arqueológica com o intuito de avaliar o estado de conservação, confirmar a cronologia e a natureza da ocupação humana. Materializamos a localização e descrição da estação arqueológica tal como, o respectivo enquadramento histórico, abordando de seguida a metodologia utilizada e os resultados da intervenção. Os materiais recolhidos resumem-se a artefactos líticos e fragmentos cerâmicos com características técnicas e formais, cultural e cronologicamente atribuídas ao Neolítico. As consideráveis alterações pós-deposicionais condicionaram a distinção e caracterização tecnológica e morfológica, todavia, são evidentes as semelhanças com os materiais encontrados nos habitats de ar livre identificados nas imediações de Comporta.

**ABSTRACT** This document shows the results of test excavations in Monte Novo do Sul associated to the construction of Sines-Setubal gas conduct during 2002. The survey work performed previously to the gas conduct construction has early enabled to identify Monte Novo do Sul as an archaeological place. Therefore, this area was subject of an archaeological intervention in order to evaluate the area's conservation state, and confirm the chronology and nature of human occupation. This paper starts to locate and define the archaeological area according to its historical background, and then to describe the methodology used and the results withdrawn from the archaeological intervention. The pieces found and collected were grouped in two main categories, namely, lithic artefacts and ceramic fragments. Both categories shared special features such as technical, morphological, cultural and chronological that could be associated to the Neolithic period. Although several post-depositional disturbances have prevented a proper technical and morphological characterization, there is an evident resemblance with the artefacts found in the vicinity of Comporta.

## Introdução

---

As sondagens arqueológicas realizadas na Herdade de Monte Novo do Sul enquadram-se no âmbito do protocolo estabelecido entre o IPA e a TRANSGÁS S. A., no sentido de promover a salvaguarda dos sítios arqueológicos já conhecidos, bem como, dos sítios eventualmente detectados durante a construção do gasoduto nacional e referem-se a trabalhos realizados no ano de 2002, durante o acompanhamento arqueológico do Gasoduto Setúbal/Sines.

O trabalho desenvolvido surge na sequência de prospeções realizadas ainda antes da obra ter o seu início. Os vestígios cerâmicos que conseguimos visualizar encontravam-se próximo da zona de afectação originada pela anterior implantação do oleoduto, mais precisamente no local seleccionado para a perfuração que permitiu a travessia do rio Sado<sup>1</sup>. Foi possível recolher à superfície, diversos fragmentos cerâmicos de fabrico manual, cujas características indiciavam uma cronologia próxima do Neolítico.

Ao constataremos as potencialidades do local até então inédito na bibliografia científica, apesar deste apresentar sinais evidentes de florestação, e de se localizar nas imediações da

pista onde havia já sido implantada a vala do oleoduto, considerámos este sítio com elevado potencial arqueológico.

O fácil contacto visual com a estação arqueológica de Abul, localizada na margem oposta, a proximidade de Alcácer do Sal, da cidade de Tróia e dos vários habitats Neolíticos de ar livre localizados por Carlos Tavares da Silva na região de Comporta<sup>2</sup> reforçou a necessidade de tomar medidas de minimização adequadas para o local.

Depois de exposta a situação à equipa de projecto da Transgás S. A. prontamente acordamos a necessidade de conciliar o desenvolvimento da obra, com este sítio de interesse arqueológico considerável. Assim que tomámos conhecimento do cronograma das obras a realizar no local, coordenámos sondagens arqueológicas com o objectivo de avaliar o estado de conservação da estação, confirmar a cronologia e natureza da sua ocupação.

A intervenção arqueológica foi concretizada antes da abertura de pista do traçado, e contou com a participação dos signatários e das arqueólogas Maria Adelaide Costa Pinto e Ana Filipa Castro Rodrigues.

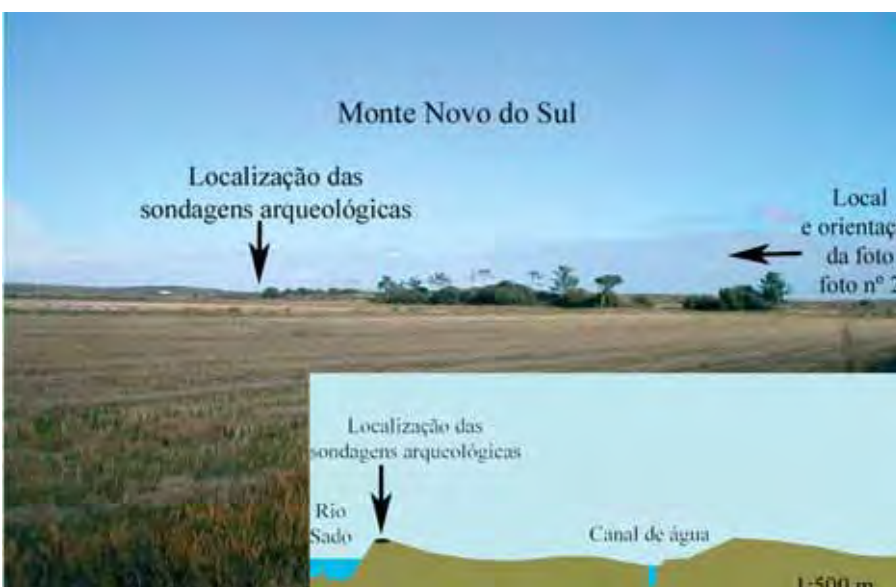
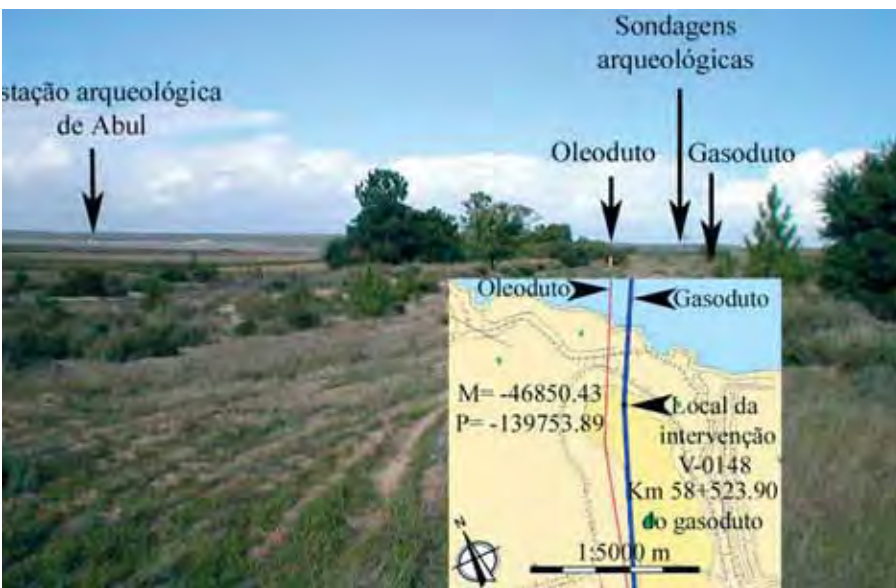
### **Localização e descrição da estação arqueológica**

---

Localizado na margem esquerda do rio Sado<sup>3</sup>, o Monte Novo do Sul é um pequeno esporão arenoso com visibilidade cartográfica significativa que se expande em direcção a esta importante via de comunicação. Encontra-se a uma distância sensivelmente idêntica entre a cidade romana de Tróia e o castelo de Alcácer do Sal, sendo possível visualizar com grande

FIG. 1 – Enquadramento geográfico das sondagens arqueológicas realizadas em Monte Novo do Sul. Base cartográfica CMP à escala 1/25.000, folhas 466, 467, 475, 476, I.G.E., 2.<sup>a</sup> edição, 1978. Projecção UTM, datum Europeu, Elipsóide Internacional.

---



FIGS. 2 e 3 – Enquadramento foto-cartográfico de Monte Novo do Sul.

O relevo da região é marcado pela imponência do rio Sado que confere ao amplo vale condições excepcionais de visibilidade condicionando em simultâneo de forma indelével toda a orografia da região.

### Enquadramento histórico

A zona onde se localiza Monte Novo do Sul apresenta uma quantidade de achados arqueológicos de valor tão assinalável para o fluir histórico da região e do actual território nacional, que faz do enquadramento histórico-arqueológico de Monte Novo do Sul uma tarefa onde corremos o risco de nos alongar em demasia. No entanto, seria de todo descabido não referir, ainda que de forma muito abreviada, algumas das estações arqueológicas mais célebres da arqueologia nacional.

facilidade na margem oposta a famosa estação de Abul. Integrado administrativamente na freguesia de Comporta, concelho de Alcácer do Sal e distrito de Setúbal, apresenta a altitude de 6,45 m<sup>4</sup> e as seguintes coordenadas geográficas: P - 139753.89 de latitude N e M - 46850.43 de longitude W.

O acesso à estação pode ser concretizado a partir da estrada nacional n.º 253 que liga Alcácer do Sal a Comporta, sendo necessário seguir em direcção ao rio Sado junto do km 11. O sítio evidencia-se pela proximidade com o rio e pelo carácter arenoso do seu contexto geológico. Esta proximidade é manifestada inclusive na pouca diferença altimétrica registada entre a cota de onde são oriundos os materiais cerâmicos e o nível das águas do Sado. A sua localização deixa poucas dúvidas quanto às motivações marítimas dos seus ocupantes.

Situado numa zona de solos arenosos caracterizados por terrenos modernos cenozoicos, do Plistocénico, Pliocénico e Holocénico<sup>5</sup> onde predominam os aluviões e as dunas e areias de duna<sup>6</sup>. Regista solos Podzois sem e com Surraia de areias ou arenitos<sup>7</sup> com capacidade de uso situada na classe A<sup>8</sup>.

A cobertura vegetal actual é composta por giestas e vegetação rasteira abundante, sendo notórios os vestígios de uma arborização recente de pinheiro entretanto abatidos.

Como as olarias são de crucial importância para o entendimento da presença e ocupação humana no vale do Sado, optamos também por retratar sumariamente a abordagem cerâmica<sup>9</sup> sob pena de omitir uma das componentes mais significativas da informação arqueológica que se encontra associada a este importante curso de água.

Sem ignorar a necessidade deste equilíbrio, a importância patrimonial desta região torna imperioso um enquadramento arqueológico que embora sucinto refira não só, a região composta pelo rio Sado, mas também, o vizinho vale do Tejo, a Costa Alentejana e o Algarve. A comparação das dinâmicas de produção cerâmica destas quatro regiões permite uma melhor compreensão dos circuitos e fenómenos comerciais. Apresentamos assim uma breve e ligeira correlação dos dados alcançados até ao momento, numa longa viagem cronológica e espacial, de forma a contextualizar a importância e o alcance das ilações obtidas para a compreensão da história da região e das comunidades litorais abaixo do Tejo lembrando que o gasoduto que acompanhamos se estende de Setúbal a Sines.

Localizado na margem sul do Sado, Monte Novo do Sul regista uma notável proximidade geográfica de estações arqueológicas tão famosas como a cidade romana de Tróia, as diversas olarias existentes nos estuários do Tejo<sup>10</sup> e Sado<sup>11</sup>, a estação fenícia de Abul<sup>12</sup> ou o castelo de Alcácer. Exemplos tão sintomáticos como os expostos, e com resultados tão extraordinários sobre a continuidade e permanência de ocupação neste vale<sup>13</sup> dispensam qualquer tipo de apresentação. Se nos deslocarmos para sul encontramos outra zona de produção cerâmica igualmente importante como é o caso da Costa Alentejana<sup>14</sup>. Nesta região podemos destacar a grandiosidade de Miróbriga, a importância de Vale Pincel, ou o excelente porto e ancoradouro da Ilha do Pessegueiro.

A investigação arqueológica no território que referimos é indissociável do contributo de nomes como Luís Raposo, Carlos Fabião, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Luísa Ferrer Dias ou Antónia Coelho Soares. Nos anos oitenta, estes investigadores ampliaram consideravelmente a área geográfica sujeita a reflexões sobre a produção cerâmica sendo contempladas as zonas dos vales do Tejo e Sado, Sines e Ilha do Pessegueiro<sup>15</sup>.

Nestes estudos a abordagem tecnológica ocupa um lugar central e permitiu definir com precisão tipos de argila e grupos de cerâmica de origem diversa. O quadro eminentemente tecnológico tem em si mesmo uma intenção cronológica e preocupações quanto à origem das peças, pois consegue proporcionar indicações que sugerem normais proximidades cronológicas e centros de produção com características comuns.

As preocupações com a produção cerâmica local regional ou importada, desenvolvidas na década de 70 adquirem neste contexto, uma dimensão espacial significativa e alcançam uma consagração confirmada graças aos estudos dos estudiosos já citados. Na década seguinte as orientações metodológicas nacionais continuaram a desenvolver estes conceitos.

É nos anos noventa que graças aos trabalhos de Nolen e Carlos Tavares da Silva o Algarve surge como mais uma região produtora associando-se às já conhecidas<sup>16</sup>.

O caso algarvio apesar do distanciamento geográfico apresenta vários paralelos de vocação marítima semelhantes à região que retratámos, e testemunhos de igual forma reveladores de um intenso tráfego comercial de origem mediterrânea<sup>17</sup> que se evidenciam também em Abul ou Alcácer do Sal.

É curioso constatar que a localização marítima das três regiões (Algarve, Tejo e Sado), apesar de condicionar fortemente a produção cerâmica despoletou todavia desenvolvimentos distintos, que não resistimos a focar.

O contacto privilegiado com as rotas marítimas criou segundo Jeannette Nolen uma produção pouco profissional em Torre de Ares enquanto que na *villa* do Alto do Cidreira se passou precisamente o oposto. Esta autora deu a conhecer à comunidade científica o lote de peças

de Torre de Ares. Tendo consciência das dificuldades que teria em relação às informações que poderia atingir sobre os materiais, cronologia, origens e relações comerciais<sup>18</sup>, conseguiu no entanto, interessantes deduções sobre o panorama dos fabricos locais ou regionais, as importações e a origem das peças importadas. Apesar das condições naturais para a produção cerâmica se manifestarem favoráveis, (a abundância de barreiros e madeira permitiria produzir em quantidade) a produção parece ter servido basicamente para abastecer a clientela local nas suas necessidades diárias. Ainda no Algarve, na Quinta do Marim, Olhão, a vocação marítima dos sítios localizados próximo do mar mantém-se.

No vale do Tejo os dados não são conclusivos em relação à produção e consumo, mas suficientes para Nolen no seu estudo poder constatar a exclusão quase total de comércio terrestre interior, também contrastante com o frequente uso das rotas marítimas. A autora salienta ainda o reduzido número de fabricos do Alto Alentejo e a abundância de *sigillata* clara A. Associando a estes factos a raridade da *sigillata* hispânica, tudo parece indicar um abastecimento prioritariamente marítimo e pouca abertura às vias comerciais terrestres (Nolen, 1988, p. 61, 64). Inês Vaz Pinto ao abordar esta questão considera que no estudo sobre a *villa* do Alto do Cidreira, a continuidade de ocupação corresponde a uma cronologia lata devido à ausência de estratigrafia provocada pela erosão e excessivas lavras, salientando desta investigação a tipologia de formas e a sua análise funcional. Abundando os almofarizes e alguidares ao contrário da escassez de bilhas e jarros<sup>19</sup>.

O vizinho vale do Sado, que, por razões geográficas óbvias, é o que mais nos interessa, manifesta fenómeno produtivo semelhante, o que dada a proximidade espacial e características hidro-topográficas, não surpreende. Para além do reforço desta prática, o estudo comparado das regiões vizinhas permitiu inferir com maior segurança sobre a difusão local das cerâmicas em locais com grande dinamismo na produção.

A oportunidade de investigar contextos habitacionais, como é o caso do castelo de Alcácer do Sal, também investigado na sequência de uma escavação de emergência, tornou possível confirmar uma longa sequência estratigráfica compreendendo a ocupação deste sítio entre os finais do Neolítico<sup>20</sup> e o período medieval-moderno. Salientamos que a Idade do Ferro é caracterizada por uma cultura mediterrânea orientalizante<sup>21</sup>, quando os restantes sítios da zona registam maiores contactos com a Meseta. A produção local de forte tendência exportadora domina o consumo local, sendo esporádicos os casos de cerâmica importada (geralmente de pasta branca).

Não poderíamos deixar de referir o importante contributo dado por Carlos Tavares da Silva e Mayet através da investigação desenvolvida no centro de produção de ânforas do Pinheiro<sup>22</sup>. Foi precisamente nesta herdade de generosas dimensões (Herdade do Pinheiro) que se iniciaram os trabalhos de implantação do gasoduto Sines-Setúbal. Os autores conseguiram definir nesta olaria dois tipos de pastas não-calcárias utilizadas na produção de ânforas<sup>23</sup>.

A cerâmica encontrada na fábrica de salga localizada na Praça do Bocage, em Setúbal, reforça a importância destes centros produtivos e as proporções do seu dinamismo industrial.

Será curioso constatar que a unidade fabril de salga do Creiro Arrábida, datada entre os meados/terceiro quartel do século I d.C., e finais do mesmo século, deixa de laborar sendo abandonada precisamente na mesma altura em que surgem as fábricas de salga da Praça do Bocage e da Travessa de Frei Gaspar, localizadas na cidade de Setúbal. Coelho-Soares é de opinião que o período da primeira ocupação desta fábrica terá funcionado como serviço de apoio à navegação costeira<sup>24</sup>.

Com vocação marítima semelhante, a Ilha do Pessegueiro foi um importante porto de apoio à navegação costeira graças às excelentes condições de abrigo, desembarcadouro e fundeadouro que proporcionava<sup>25</sup>.



A costa alentejana apresenta também dois grandes grupos de pasta distinguidos pela cor. A pasta avermelhada do Sado e uma pasta de cor branca. Dos trabalhos desenvolvidos na Ilha de Pessegueiro, os investigadores definiram duas fases de ocupação, a primeira correspondendo à Idade do Ferro, e a segunda subdividida em três, identificada com a época romana imperial<sup>26</sup>.

Monte Sardinha, em Santiago do Cacém, reforça a existência destes principais grupos de pastas. Courela dos Chãos, em Sines, vê repetida a abundância das pastas brancas da Ilha do Pessegueiro.

Segundo Carlos Tavares da Silva, a hipótese lançada por Leite Vasconcelos e Scarlat Lambrino da Ilha do Pessegueiro corresponder à ilha de *Poetanion*, referida na Ora Marítima de Avieno, faz sentido e sai reforçada pelas intervenções arqueológicas aí realizadas por este estudioso juntamente com Joaquina Soares e Luísa Ferrer Dias (Silva, Soares e Dias, 1980-81, p. 245).

O estudo dos fabricos e das formas com perfis completos comprova ser fundamental para perceber a morfologia e aspectos tecnológicos de qualquer região produtora. A exploração da temática das formas e dos fabricos, apresentando igualmente dados quantitativos passíveis de comparação tem permitido acrescentar à região do Sado e da Costa Alentejana, informações complementares quanto à proveniência dos fabricos, utilizando como critérios fundamentais o tipo de argilas, os acabamentos, a análise quantitativa e a comparação. A aplicação conjunta dos critérios funcional e tecnológico como elemento orientador da investigação para novos caminhos tem obtido proveitosos aperfeiçoamentos, pois diferentes características técnicas de recipientes aparentemente semelhantes poderão condicionar a sua função.

A frequência com que são realizados trabalhos sobre esta temática é fundamental para a resolução de novas e velhas questões. A comparação é urgente e insubstituível. A verdadeira dimensão destas problemáticas só será compreendida a uma escala forçosamente regional. Por esta razão abordamos o vale do Tejo, a Costa Alentejana e a região Algarvia, tanto mais que o entendimento global de estações como Abul e o castelo de Alcácer do Sal deve ser compreendido numa escala comercial mediterrânica.

O contributo destes estudos é crucial para entendermos a riqueza patrimonial desta região. Consideramos que esta temática deve alcançar uma dimensão regional no que diz respeito ao entendimento da produção, consumo e distribuição cerâmica e depois ser compreendida a uma escala nacional. Por isso, focamos igualmente regiões aparentemente muito distantes mas que se complementam comercialmente, para que melhor se entenda a importância destes achados e desta região produtora no actual território nacional.

É necessário que mais trabalhos com indicadores morfológicos, cronológicos, tecnológicos e funcionais sejam publicados, de forma a possibilitar analogias que proporcionem futuras sínteses regionais. O nosso modesto contributo apesar de não acrescentar nada de significativo ao quadro científico exposto, insere-se nesta dinâmica de investigação regional e supra-regional da produção cerâmica e lítica.

## **Metodologia e resultados da intervenção arqueológica**

---

Como já referimos o objectivo desta intervenção pretendeu simultaneamente responder às dúvidas suscitadas pelo estado de conservação do sítio e alcançar indicadores cronológicos, que reforçassem a cronologia apontada pelos materiais recolhidos à superfície.

A localização das sondagens (1 m x 1 m) pretendeu ser representativa do que se poderia encontrar, e proporcionar informações que permitissem salvaguardar as zonas ainda preservadas da intervenção das máquinas. Para isso, localizamos duas sondagens no alinhamento

da vala; 1 na zona que corresponde ao local da perfuração, e uma última afastada 6 metros do eixo da vala, localizada no centro do promontório, com o intuito de contemplar uma área que permitisse assegurar que nenhuma estrutura importante de teor arqueológico fosse afectada.

Os trabalhos tiveram início com a limpeza da área envolvente e posterior materialização da área a sondar, estando todas as sondagens localizadas no eixo central da pista, (correspondente à zona de abertura da vala) distanciadas 6 m umas das outras. A exceção foi a sondagem n.º 4, que intencionalmente deslocamos no sentido SE. As quadrículas foram identificadas por letras e algarismos árabes. O ponto de referência altimétrica que

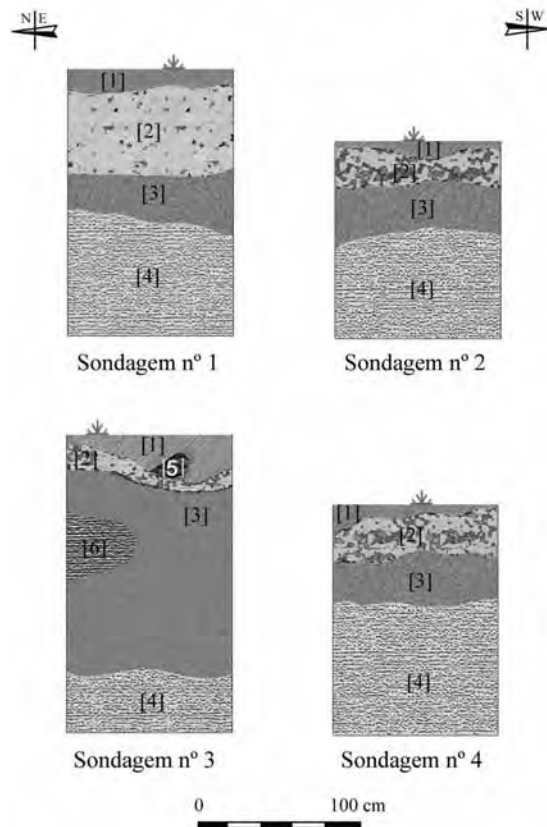


FIG. 5 – Perfis estratigráficos das sondagens arqueológicas realizadas em Monte Novo do Sul. Camada 1: Camada de remeximento recente de cor cinzento escura; Camada 2: Camada cinzento amarelada; Camada 3: Camada castanha escura. Camada 4: Camada de areias finas claras; Camada 5: Raíz apenas presente na sondagem n.º 3; Camada 6: Mancha indeterminada de cor mais escura registada somente na sondagem n.º 3.

FIG. 4 – Representação esquemática das sondagens arqueológicas realizadas em Monte Novo do Sul.

adoptamos foi o implantado pelo vértice 0148, que corresponde ao km 58+523.90 do traçado do gasoduto, e cujo valor da cota em relação ao nível do rio Sado é de 5,18 m.

Proseguimos com a decapagem manual das unidades estratigráficas na sequência inversa à sua deposição, até atingir os níveis estéreis correspondentes aos depósitos aluviônicos do rio, não perturbados pela actividade antrópica. O registo da estratigrafia consistiu no desenho à escala 1/20 de um dos cortes de cada sondagem e numa descrição sumária de cada unidade.

O levantamento gráfico incluiu o registo fotográfico, o registo individual das EU's e a implantação cartográfica das sondagens.

A recolha de espólio arqueológico foi exaustiva, separando-se no campo por unidades estratigráficas os materiais cerâmicos e líticos encontrados.

Os resultados das sondagens foram conclusivos quanto ao índice de perturbação do local e no que diz respeito à quantidade e qualidade dos materiais encontrados. Os 45 fragmentos cerâmicos<sup>27</sup> encontrados localizaram-se em todas as sondagens nas duas primeiras unidades estratigráficas e apresentavam-se muito fragmentados e dispersos, num contexto onde a ocorrência de raízes é generalizada. Registamos a mesma localização nos dois fragmentos de machado e no martelo recolhidos respectivamente nas sondagens n.ºs 2, 3 e 1<sup>28</sup>.

Em todas as sondagens apenas as unidades estratigráficas superficiais registaram a presença de artefactos. Concluimos pois, que a ocupação aqui presente se localizaria a cotas não inferiores a 40/50 cm. A possível afectação do local aquando da florestação de pinheiro adquire assim contornos mais credíveis e explicaria o carácter fragmentado e disperso dos vestígios cerâmicos. Se acrescentarmos a estes dados, os resultados obtidos na sondagem n.º 4, onde os fragmentos cerâmicos se resumem a 3, facilmente constatamos que a maior concentração de materiais se localiza para NW em direcção à zona sujeita à intervenção já consumada pela implantação do oleoduto.

Relembramos que a própria metodologia utilizada para a abertura de pista altera substancialmente as características topográficas das áreas intervencionadas. Se associarmos a isto, os trabalhos de remoção de terras necessários à perfuração realizada para a travessia do rio Sado, parece-nos claro que a actual paisagem se encontra muito alterada e não corresponde a uma evolução provocada por agentes naturais.

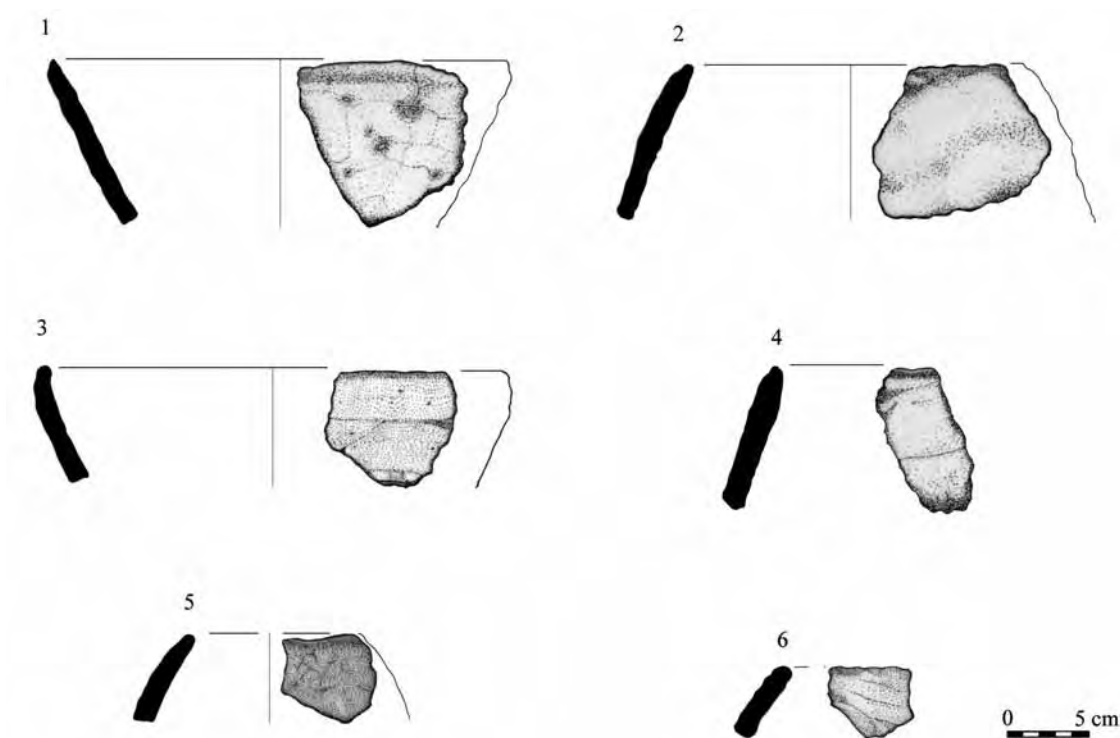


FIG. 6 – Fragmentos cerâmicos encontrados durante as sondagens diagnóstico realizadas em Monte Novo do Sul. 1 – Bordo extrovertido, lábio biselado com parede direita, forma esvasada e pasta com inclusões de média dimensão; 2 – Bordo introvertido, lábio boleado, forma envasada; 3 – Bordo extrovertido, lábio boleado, forma esvasada; 4 – Bordo extrovertido, lábio direito, forma cilíndrica; 5 – Bordo introvertido, lábio boleado, forma envasada; 6 – Bordo introvertido, lábio boleado de forma envasada.



FIG. 7 – Líticos encontrados durante as sondagens diagnóstico realizadas em Monte Novo do Sul. 6 – fragmento de machado de anfibolite; 7 – fragmento de machado de anfibolite; 8 – seixo talhado; 9 – fragmento de machado de anfibolite; 10 – martelo de anfibolite ; 11 – seixo talhado.

---

Em suma, os resultados da sondagem diagnóstico realizada na Herdade de Monte Novo do Sul são reveladores da presença humana, mas indiciam igualmente fortes perturbações à estratigrafia do sítio. A exígua quantidade de achados, o seu carácter fragmentado e disperso não deixa dúvidas quanto ao acentuado remeximento de terras realizado no local.

## Integração cronológico-cultural

Os artefactos oriundos desta intervenção arqueológica resumem-se a materiais líticos e cerâmicos de fabrico manual. Analisámos o lote cerâmico através das características das pastas e da sua morfologia, aplicando um critério tecnológico e morfológico na distinção e caracterização dos fragmentos cerâmicos, com o objectivo de possibilitar a comparação de categorias e tipos morfológicos. Julgamos ser possível desta maneira no futuro perspectivar os contornos de uma evolução de formas.

As pastas foram inicialmente separadas recorrendo à ajuda de uma lupa manual segundo os critérios de definição de um tipo de fabrico, ou seja, dividimos os fragmentos tendo em conta a natureza, percentagem e proporções relativas dos diferentes tipos de elementos não-plásticos, textura e cozedura.

As diferentes características das pastas por nós seleccionadas originaram a designação de 3 grupos de fabrico denominados com as letras A, B e C<sup>29</sup>. Confirmaram-se afinidades mineralógicas e naturais diferenças granulométricas, mas pouco significativas.

Os 203 fragmentos cerâmicos<sup>30</sup> apresentam pastas de fabrico geralmente grosseiras, com inclusões grosseiras e médias, destacando-se a presença abundante de mica numa grande percentagem de exemplares<sup>31</sup>.

### QUADRO I

Quadro comparativo da dimensão dos elementos não-plásticos entre a argila e o seixo.

SEIXO	AREÃO	AREIA				SILTE				ARGILA
		Muito grosseira	Grosseira	Média	Fina	Muito Fina	Grosseiro	Médio	Fino	
5	10	18	35	60	120	230	Mesh	0,0	0,0156	
4,00	2,00	1,00	0,500	0,250	1,125	0,0625		+5	+6	0,0078
-2	-1	-0	+1	+2	+3	+4				+7
										+8

Tucker, M. - *Techniques in sedimentology*. Blackwell Science. London, 1995.

Apesar do elevado índice de fragmentação da cerâmica encontrada foi possível identificar a morfologia de 6 bordos. As técnicas decorativas encontram-se pouco representadas reforçando o carácter utilitário da cerâmica e a possível natureza laboriosa do sítio. Registamos somente as técnicas de alisamento e polimento.

O estado fragmentado das peças e a sua pequena dimensão tornou improvável alcançar perfis completos. Debatemo-nos assim com a dificuldade de definir formas ou variantes representativas de determinada categoria e/ou tipo morfológico. Igual dificuldade sentimos na classificação donde derivam as ilações de ordem funcional e cultural.

Tendo em conta as características qualitativas e quantitativas deste universo cerâmico, optamos por não apresentar o inventário dos fragmentos nem aprofundar as variáveis quantitativas devido à escassez de informação morfológica, decorativa e funcional.

Estes fragmentos de acordo com as características técnicas, formais e decorativas inserem-se cultural e cronologicamente no Neolítico. Registam paralelos semelhantes em habi-

tats de ar livre do Neolítico identificados por Carlos Tavares da Silva junto das imediações de Comporta. Localizados no mesmo vale a uma distância que varia entre escassos 2 a 4 km uns dos outros, ainda hoje manifestam forte tradição piscatória. Não será pois de estranhar que apresentem semelhanças conceptuais e estilísticas. Dos sítios identificados destacamos os denominados por Barrosinha, Pontal e Possanco, todos localizados em Comporta<sup>32</sup>.

Concretizada a comparação, constatamos que nos povoados referidos por Carlos Tavares da Silva existe um certo predomínio dos bordos boleados e das formas esvasadas. Em todos os habitats apesar da reduzida dimensão dos fragmentos encontra-se uma evidente regularidade de tigelas e de potes. Esta ocorrência comum em todos os sítios atribui a estas categorias morfológicas uma importância acrescida para a definição da natureza das actividades praticadas nestes habitats. A dupla funcionalidade das tigelas no que diz respeito ao suporte de alimentos sólidos ou líquidos pode estar directamente relacionada com a sua maior representatividade no registo arqueológico. O registo cerâmico apresenta preocupações evidentes com a alimentação. Sendo as categorias mais frequentes geralmente associadas ao armazenamento, consumo ou preparação de alimentos.

Destacamos ainda a semelhança patente entre a morfologia do bordo e a forma que indicia a peça n.º 5 de Monte Novo do Sul com o n.º 6 de Pontal (Comporta). Esta concórdância morfológica, apesar da reduzida dimensão dos fragmentos, também acontece respectivamente entre o n.º 6 e n.º 9 das referidas estações arqueológicas. Salientamos ainda a fragilidade das pastas e a dificuldade registada no acto das colagens devido à fragmentação e desgaste das parcelas. Dos cerca de 200 fragmentos recolhidos durante as sondagens e as recolhas de superfície, somente 9 apresentam vestígios de terem sido produzidos ao torno rápido evidenciando-se também pela melhor qualidade da pasta. A reduzida informação morfológica obtida é sintomática do estado de conservação das cerâmicas.

## Considerações finais

---

A avaliação que concretizamos sobre Monte Novo do Sul ficou seriamente condicionada pelos escassos elementos que o sítio proporcionou. No entanto, estas limitações são em si mesmo dados pertinentes e concretos do índice de perturbação do local, e respondem escla-recedoramente à questão inicialmente colocada sobre o estado de conservação da estação arqueológica.

Quanto à interpretação funcional possível desta estação arqueológica, salientamos a privilegiada localização geográfica e a presença de materiais cerâmicos e líticos para reforçar a componente laboral, sugerindo a possibilidade deste sítio ter sido um habitat vocacionado para a actividade marítima composto por poucos habitantes. Os níveis de concheiro encontrados em todas as estações identificadas por Carlos Tavares da Silva na vizinha zona de Comporta reforçam a vocação marítima destas comunidades.

Estes elementos levam-nos a considerar Monte Novo do Sul como uma pequena comunidade portuária, composta por um número reduzido de indivíduos. A proximidade com as estações da Barrosinha, Celeiro Velho, Malhada Alta, Pontal, Possanco e Sapalinho, todas com características similares, parecem indiciar como muito provável a existência de um circuito comercial com características familiares, onde as trocas seriam facilitadas pela contiguidade e fortaleceriam as relações entre os povoados, cuja dependência poderia facilmente correlacionar-se hierarquicamente. Toda esta dinâmica seria muito provável num vale com forte presença humana, onde a estratégia de ocupação e exploração do espaço implica uma necessária interacção e partilha de recursos.

Não excluimos a possibilidade de este sítio poder também corresponder a um porto de abrigo temporário com características sazonais, ocupado ocasionalmente de forma irregular por comunidades piscatórias fixadas nas imediações do vale. A ancestral navegabilidade do Sado e a intensa actividade comercial amplamente documentada corroboram a hipótese de muitos dos esporões de areia deste rio com condições naturais para ancoradouro terem servido como porto de abrigo para muitos pescadores e marinheiros.

Em suma, encontramos na presença de uma estação arqueológica que amplia o número de habitats de ar livre já identificados no vale do Sado e que não acrescenta muita informação à produção cerâmica e lítica. O grande contributo deste habitat reside na alteração da realidade numérica. Podemos reforçar a presença humana modificando a perspectiva sobre a rede de povoamento e densidade populacional na margem esquerda do rio Sado durante o Neolítico.

Apesar das provas desta presença se encontrarem fora do seu contexto original e ficarmos sem hipótese de melhor perceber que género de ocupação ali se instalou, a referência à presença humana ainda que esporádica, naquele local é uma realidade.

A área de intervenção correspondente à implantação do gasoduto Sines-Setúbal é uma das zonas do país onde mais se conhece do potencial do património arqueológico. Curiosamente poderemos dizer que este conhecimento se encontra estreitamente ligado às inúmeras intervenções de teor industrial e ao elevado índice de afectação que provocam no património arqueológico, que exigiram medidas de minimização compatíveis para a sua salvaguarda.

Esta intervenção arqueológica enquadra-se neste contexto de convivência entre desenvolvimento industrial/energético e conhecimento científico. Indispensável e urgente esta conciliação apesar de nem sempre se confirmar feliz, deve ser fomentada, por proteger um património não renovável e ser sinónimo de um modelo de progresso sustentado típico das sociedades culturalmente mais desenvolvidas.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Cfr. Anexo: Enquadramento geográfico das sondagens arqueológicas realizadas em Monte Novo do Sul e fotografias n.ºs 1 e 2.
- <sup>2</sup> Destacamos os sítios denominados por Barrosinha, Celeiro Velho, Malhada Alta, Pontal, Possanco e Sapalinho todos localizados em Comporta. Cfr. Silva et al., 1993, p. 34, 52, 67, 75, 90, 94 e 99, com fragmentos cerâmicos semelhantes aos identificados em Monte Novo do Sul.
- <sup>3</sup> Gasoduto Sines/Setúbal: km 58,593.
- <sup>4</sup> Cfr. Carta Militar de Portugal, n.º 467, esc. 1/25 000, 1972.
- <sup>5</sup> Cfr. Carta Geológica de Portugal, esc. 1/1000 000, 1968.
- <sup>6</sup> Cfr. Carta Geológica de Portugal, 39-A, Águas de Moura, esc. 1/50 000, 1972.
- <sup>7</sup> Cfr. Carta dos Solos de Portugal, 466, 1/50 000, 1961.
- <sup>8</sup> Cfr. Carta de Capacidade de Uso do Solo, esc. 1/1000 000, 1980.
- <sup>9</sup> Referimos preferencialmente a época romana por ser neste período histórico que a produção cerâmica desta região adquire maior dimensão. Não ignoramos no entanto, a importância de outros períodos cronológicos para o completo entendimento do fenómeno de continuidade e permanência da ocupação humana nesta região.
- <sup>10</sup> Citamos como exemplo a *villa* do Alto do Cidreira, os fornos de ânforas de Garrocheira, a Quinta do Rouxinol, o Porto do Sabugueiro, ou Zambujalinho.
- <sup>11</sup> Tal como no caso anterior optamos por citar apenas alguns dos sítios arqueológicos, privilegiando a representatividade geográfica e a importância dos resultados: Alcácer do Sal, cfr. Silva, Beirão, Soares, Dias e Coelho Soares, 1980-1981, p. 149-218; Olaria de ânforas do Pinheiro marco crucial na produção cerâmica romana dos vales do Tejo e Sado e na caracterização desta zona do país como importante centro produtor cerâmico, Praça do Bocage, cfr. Silva e Coelho Soares, 1980-81, p. 249-284; Creiro, cfr. Silva e Coelho Soares, 1987, p. 221-237.

- <sup>12</sup> Com posterior ocupação romana também associada à produção cerâmica.
- <sup>13</sup> Silva, Soares, Beirão, Ferrer Dias e Coelho Soares, 1980-81, p. 149-218.
- <sup>14</sup> Recordamos que o gasoduto que esteve na origem desta intervenção se estende desde Sines até Setúbal. Poderemos destacar a título de exemplo na Costa Alentejana as estações da Ilha do Pessegueiro, cfr. Silva e Soares, 1993; Silva, Soares e Dias, 1980-81; Silva, Soares, Dias e Coelho Soares, 1984, Courela dos Chãos cfr. Coelho-Soares, 1987, e Monte Sardinha cfr. Ferrer Dias e Viegas.
- <sup>15</sup> Grosso modo a área correspondente ao traçado do actual gasoduto Sines-Setúbal.
- <sup>16</sup> Cfr. Nolen, 1994; Silva, Soares e Coelho-Soares (1992).
- <sup>17</sup> Essencialmente de origem Bética como é o caso dos dolios que dominam o mercado de Balsa (Nolen, 1999, p. 135).
- <sup>18</sup> Desde a descoberta de Torre de Ares por F. Martins de Andrade e Estácio da Veiga ainda em pleno século XIX, que se multiplicaram as escavações neste local. Apesar disso, os registos limitam-se a sumários artigos sobre o espólio encontrado (Nolen, 1994, p. 5).
- <sup>19</sup> Cfr. (Pinto, 1999, p. 54-5).
- <sup>20</sup> Esta fase é caracterizada pela taça carenada afim da do Possanco (Comporta), Vale Pincel II (Sines), Cabeço da Mina (Torrão do Alentejo), Caramujeira (Lagoa), e Papauvas (Huelva), (Silva et al., 1980-81, p. 209).
- <sup>21</sup> Dividida em três períodos, um de evolução sidérica (VII-VI a.C.), e os restantes respectivamente de influência púnica com elementos helénicos (IV-III a.C.) e influência itálica (II-I a.C.) (Silva et al., 1980-81, p. 213).
- <sup>22</sup> Para a investigadora Inês Vaz Pinto este trabalho apresenta uma evolução morfológica de peças apreciável. Durante o Alto Império, predominam a ânfora Dressel 14, as tigelas e panelas, sendo poucos os exemplos de pratos e formas fechadas, e ainda mais raros os alguidares e almofarizes. A partir do século III, a ânfora mais representada é a Almagro 51 C, as panelas mudam de forma ficando mais altas e mais fundas, as tigelas cedem quantitativamente o lugar aos pratos. No século IV, as panelas continuam a metamorfose iniciada, transformando-se em formas fechadas e os alguidares adquirem uma representatividade nunca alcançada. O século V manifesta-se por uma raridade de formas abertas (Pinto, 1999, p. 53).
- <sup>23</sup> Com uma proveniência geográfica distinta, foi atribuída à pasta de cor alaranjada a designação de Sado-montante, e à pasta de tons beije Sado-jusante/Tejo (Pinto, 1999, p. 53).
- <sup>24</sup> Cfr. (Coelho-Soares, 1987, p. 236-237).
- <sup>25</sup> As condições de fundeadouro variavam entre os 5, 6 e 7 metros ao máximo da baixa-mar. Os meses compreendidos entre Abril e Outubro seriam os melhores para navegar na faixa atlântica (Silva et al., 1993, p. 20-25).
- <sup>26</sup> Fase I: estabelecimento da Idade do Ferro; Fase II: o estabelecimento da época romano imperial; Fase II A: fundação do entreposto comercial na Segunda metade do século I; Fase II B: diversificação económica, actividade comercial e produção de salgas no século II; Fase II C: especialização na produção de salgas de peixe nos séculos III e IV (Silva et al., 1993, p. 83-86).
- <sup>27</sup> Apenas 6 apresentavam forma. Correspondem a fragmentos de reduzida dimensão nem todos capazes de transmitir informação quanto ao seu diâmetro.
- <sup>28</sup> Cfr. Anexo: desenho dos materiais.
- <sup>29</sup> O elevado índice de fragmentação das peças e o rolamento a que foram sujeitas aumentaram o grau de afinidade dos fragmentos cerâmicos tornando a dimensão das inclusões o elemento crucial para a definição dos grupos. Estes variam entre areias muito grosseiras (A), grosseiras (B) e médias (C). Quanto ao tratamento da superfície resume-se ao alisamento sendo esporádicos os exemplares com polimento. As cores variam entre o laranja, o castanho e o cinzento com diferentes tonalidades e intensidade.
- <sup>30</sup> Incluímos de igual modo os fragmentos recolhidos à superfície, que são em maior número do que os recolhidos em contexto de escavação.
- <sup>31</sup> Cfr. Tabela de valores utilizada para o enquadramento da frequência e percentagem dos elementos não plásticos. Quadro comparativo da dimensão dos elementos não plásticos entre a argila e o seixo.
- <sup>32</sup> Cfr. Silva et al.; 1993, p. 34, 52, 67, 75, 90, 94 e 99.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (1983) - *Portugal romano*, 3.<sup>a</sup> edição revista. Lisboa: Editorial Verbo.
- ALARCÃO, J. de (1988a) - *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa América (História Mundi; 33).
- ALARCÃO, J. de (1988b) - *Roman Portugal*, vol. II, 2 e 3. Warminster: Aris & Phillips Ltd.
- CARDOSO, G.; REDRIGUES, S. (1996) - O contexto oleiro de Muje na produção romana do baixo e médio Tejo. In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado, Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações D. Quixote, p. 167-191.



- COELHO-SOARES, A. (1987) - Materiais arqueológicos da Courela dos Chãos (Sines). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 193-201.
- DIAS, J. (1965) - Da olaria primitiva ao torno de oleiro. *Revista de Etnografia*. Porto. 4:1, p. 5-31.
- DIOGO, A. M. D.; FARIA, J. C. L. (1990) - Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. - *Les amphores lusitaniennes. Typologie, production, commerce, Actes des Journées d'Études tenues à Conimbriga les 13 et 14 octobre 1988*. Paris: De Boccard, p. 173-196.
- ENCARNAÇÃO, J. d'; CARDOSO, G.; NOLEN, J. U. S. (1982) - A Villa Romana do Alto do Cidreira em Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais. p. 3-21.
- DIAS, L. F.; VIEGAS J. R. (1977) - Necrópole lusitano-romana de Monte Sardinha (S. Francisco da Serra). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p. 353-359.
- NOLEN, J. U. S. (1985) - *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- NOLEN, J. U. S. (1988) - A Villa romana do Alto da Cidreira (Cascais). Os Materiais. *Conimbriga*. Coimbra. 27, p. 61-140.
- NOLEN, J. U. S.; DIAS, L. F. (1988) - A necrópole de Santo André, Parte II. Os materiais. *Conimbriga*. Coimbra. 20, p. 7-180.
- NOLEN, J. U. S. (1993) - A cerâmica comum. In *História de Portugal*, (João Medina, dir.), vol. II. Lisboa: Ediclube, p. 288-298.
- NOLEN, J. U. S. (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares, Balsa*. Lisboa. Museu Instituto Português de Museus.
- RAPOSO, J. M.; DUARTE, A. L. (1996) - O forno 2 do Porto dos Cacos (Alcochete). In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações D. Quixote, p. 249-265.
- SABROSA, A. J. (1996) - Necrópole Romana de Porto dos Cacos (Alcochete). In FILIPE, G.; RAPOSO, J. M. C., eds. - *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado. Actas das Primeiras Jornadas sobre a Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações D. Quixote, p. 283-300.
- SILVA, C. T.; BEIRÃO, C. M.; SOARES J.; DIAS, L. F. COELHO SOARES, A. (1981) - Escavações Arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SILVA, C. T.; SOARES, A. C. (1981) - A Praça de Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas de 1980. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7 (1980-81), p. 249-284.
- SILVA, C. T.; SOARES, A. C. (1987) - Escavações Arqueológicas no Creio (Arrábida). Campanha de 1987. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 221-237.
- SILVA, C. T.; SOARES J. (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto Romano da Costa Alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- SILVA, C. T.; SOARES J.; SOARES, A. C. (1992) - Estabelecimento de produção de salga da época romana na Quinta do Marim (Olhão). Resultados preliminares das escavações de 1988-89. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 335-374.
- SILVA, C. T.; SOARES J.; DIAS, L. F. (1981) - Trabalhos arqueológicos na Ilha do Pessegueiro (1980). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 219-247.
- SILVA, C. T.; SOARES J.; DIAS, L. F.; SOARES, A. C. (1984) - Escavações Arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (Sines) Notícia da Segunda Campanha (1981). *Arquivo de Beja*. Beja. II Série. 1, p.11-45.
- TUCKER, M. (1995) - *Techniques in Sedimentology*. London: Blackwell Science.





## Outorgantes

1.º – INSTITUTO PORTUGUÊS DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E ARQUEOLÓGICO\*, adiante designado abreviadamente por IPPAR, com sede no Palácio Nacional da Ajuda, representado pelo seu Presidente, Prof. Arquitecto Nuno dos Santos Pinheiro, como 1.º outorgante

e

2.º – **TRANSGÁS, Sociedade Portuguesa de Gás Natural, S.A.**, adiante designada abreviadamente por TRANSGÁS, com sede na Av. da República, 35 – 7.º em Lisboa, representada pelo seu Presidente, Dr. José Manuel Elias da Costa, como 2.º outorgante.

Considerando que:

Os vestígios arqueológicos constituem uma parte integrante do Património Cultural Português e um recurso cultural, não renovável, essencial para a História da Humanidade;

A importância da preservação e valorização desse património tem sido reconhecida em vários documentos internacionais, no âmbito da UNESCO e do Conselho da Europa e pela legislação nacional;

A necessidade de conciliar a preservação do património arqueológico com o desenvolvimento económico tem sido uma preocupação dos governantes e instâncias europeias, traduzida na promoção de várias iniciativas no sentido de minimizar os efeitos das grandes obras públicas e privadas;

A construção de redes de gás natural, em vários países europeus, tem demonstrado que este tipo de infraestruturas poderá ter um impacto muito significativo sobre o património arqueológico e destruir, irremediavelmente, inúmeros vestígios e informações de grande interesse histórico, se não for acompanhada por equipas de arqueólogos, nas suas várias fases.

Em Portugal as prospecções arqueológicas efectuadas em áreas abrangidas por outros empreendimentos de traçado linear, como é o caso de estradas e autoestradas, no âmbito de estudos de impacte ambiental, tem revelado, em todas as regiões do país, inúmeros vestígios arqueológicos, até então desconhecidos, que, se tais trabalhos não tivessem sido realizados, teriam sido irremediavelmente destruídos.

O IPPAR é a entidade da tutela especialmente habilitada para a implementação e aplicação de uma política de levantamento, estudo, salvamento e divulgação do património arqueológico.

O IPPAR enquanto organismo público vocacionado para a preservação do património arqueológico nacional e a TRANSGÁS, enquanto concessionária do serviço público de importação, transporte e fornecimento de gás natural, consideram de mútuo interesse o estabelecimento, nos termos da Lei 13/85 de 6 de Junho e Decreto-Lei n.º 106-F/92, de 1 de Junho, de formas de colaboração que permitam harmonizar, na medida do possível a necessidade económica de instalação, em Portugal, de uma rede de gás natural, com o imperativo cultural e moral de registar e salvar o património arqueológico do país.

Com esse objectivo celebram o presente protocolo que se rege pelas cláusulas seguintes:

### *Primeira*

A TRANSGÁS e o IPPAR apoiarão a constituição de urna equipa técnica de Arqueologia, permanente, que acompanhará cada frente de trabalho de construção do gasoduto, dotada dos meios indispensáveis, cabendo-lhe a realização da prospecção prévia das áreas críticas indicadas no Estudo de Impacte Ambiental o acompanhamento da frente de trabalho de construção do gasoduto, e o registo, recolha, estudo e publicação de todos os vestígios arqueológicos que vierem a ser encontrados.

1. Cada equipa será constituída por um Arqueólogo, com larga experiência de trabalhos deste tipo, e por um Assistente de Arqueólogo, a contratar expressamente para este programa de intervenção arqueológica pela TRANSGÁS, de entre técnicos indicados pelo IPPAR e será dotada de uma viatura, equipamento e material necessários ao exercício das suas funções (de acordo com a lista anexa).
2. São funções de cada equipa realizar as acções necessárias de modo a assegurar registo, recolha e estudo de todos os vestígios arqueológicos que vierem a ser encontrados nas várias fases dos trabalhos.

### *Segunda*

A TRANSGÁS compromete-se a:

1. Entregar antecipadamente a equipa de Arqueologia e manter actualizada toda informação disponível, cartográfica e de outra natureza, sobre a localização do gasoduto e das instalações anexas e a relativa ao planeamento dos trabalhos.
2. Custear financeiramente, na totalidade, a constituição e funcionamento das equipas de Arqueologia, (...) bem como prover à aquisição do equipamento e material (...).
  - a) Para a equipa de Arqueologia, a TRANSGÁS contratará técnicos propostos pelo IPPAR, em regime de prestação de serviços, que não façam parte dos quadros do IPPAR.
  - b) Os técnicos contratados responderão disciplinarmente perante a TRANSGÁS e tecnicamente perante o IPPAR, nos termos da legislação em vigor.
  - c) O equipamento que for adquirido no âmbito deste protocolo reverterá para o IPPAR após o termo do mesmo.
3. Patrocinar a divulgação dos dados arqueológicos recolhidos através de publicação de carácter científico, destinada ao público, e de exposições de carácter museológico.

### *Terceira*

Compete ao IPPAR:

1. Promover a constituição da equipa de Arqueologia referida em 2.



2. Assegurar a coordenação técnica dos trabalhos das equipas, disponibilizando para o efeito, um dos seus técnicos superiores.
3. Garantir a execução em tempo útil dos trabalhos programados, em conformidade com o plano de trabalhos da obra.
4. Enviar com a maior celeridade possível a TRANSGÁS indicações sobre medidas de protecção que deverão ser tomadas em relação a vestígios arqueológicos que o justifiquem por forma a que a concretização dessas medidas não provoque perturbações ao desenrolar da execução do projecto, conforme os planos de trabalho estabelecidos.
5. Assegurar a elaboração de relatórios semestrais, devidamente documentados, referentes aos trabalhos da equipa de Arqueologia, de que enviará um exemplar à TRANSGÁS.

#### *Quarta*

A gestão deste protocolo será feita por urna Comissão Coordenadora, constituída por um representante do IPPAR e um representante da TRANSGÁS, a qual reunirá sempre que necessário e pelo menos urna vez por semestre, com o objectivo acompanhar o seu cumprimento e resolver eventuais dificuldades relacionadas com termos do mesmo.

Destas reuniões se lavrará acta, a apresentar à Direcção das duas entidades outorgantes.

#### *Quinta*

O presente protocolo terá efeitos até ao final do prazo previsto para a instalação pela TRANSGÁS dos gasodutos de alta pressão e respectivos ramais.

#### *Sexta*

Eventuais alterações que vierem a ser aconselhadas pela desenrolar dos trabalhos devem ser apresentadas e discutidas pela Comissão Coordenadora que os submeterá à aprovação das duas entidades abrangidas por este protocolo.

Lisboa, 24 de Março de 1994

---

\* Ao abrigo do Decreto-Lei n.º 117/97, de 14 de Maio, que cria e define a orgânica do Instituto Português de Arqueologia, no seu Artigo 26.º, o "IPA sucede ao IPPAR nos direitos e obrigações de que, no quadro das competências previstas no presente diploma, este era titular, por lei, contrato ou outro título, sem necessidade de quaisquer formalidades, exceptuados os registos, para os quais constitui título bastante o presente diploma". Sendo assim, a partir desta data, o Instituto Português de Arqueologia assumiu, no presente Protocolo, a posição de 1.º Outorgante,